



DOM PAULO EVARISTO E A POLÍTICA



Padre Cido Pereira*

Os amigos do Echus do Ibaté pediram-me um texto sobre o centenário de dom Paulo Evaristo Arns. Falar de dom Paulo para mim é motivo de grande alegria, porque para mim ele foi um pai, um mestre, um companheiro. Tive a honra e o privilégio de conviver com ele por longos anos. Escolhi, então, um tema que abordei numa *live* promovida pela Diocese de Criciúma. Peço desculpas se for longo demais.



Eu quero iniciar a minha participação neste encontro, tendo presente uma verdade que a Igreja, não é de hoje, anuncia e está presente em sua doutrina social. A Igreja proclama que a Política é uma forma sublime do exercício da caridade, das obras de misericórdia. E dom Paulo Evaristo nos fez entender isso, e quando falo assim, estou pensando na seleção de outro que trabalhou com ele, seus bispos auxiliares, o clero, seus agentes de pastoral e todo o povo de Deus das comunidades e paróquias em São Paulo.

Tudo aquilo que será recordado neste ano do seu centenário, todas as lutas de Paulo, foram ações políticas a serviço do bem comum, ditados por seu coração franciscano e pela defesa da pessoa, imagem e semelhança. De Deus.

Que bom pastor foi dom Paulo! E como negar isso? Que belíssimas ações políticas dom Paulo realizou no exercício do seu pastoreio, do seu ministério episcopal!

continua na pág.2



Foto: Phil Cock

primavera

**Por muitos anos, se a vi partir,
por nove meses esperei por ela.
Empós sua prenhez, voltou mais bela,
em todos os setembros do porvir.**

**Trazia sempre consigo seus encantos
de soberbas floradas multicores,
trescalando, por todos os recantos
e dentro de minha alma, seus olores.**

**Ao sabor dos chilreios mil que encerra,
num canto de louvor perene à vida,
eram as matas fênix renascida.**

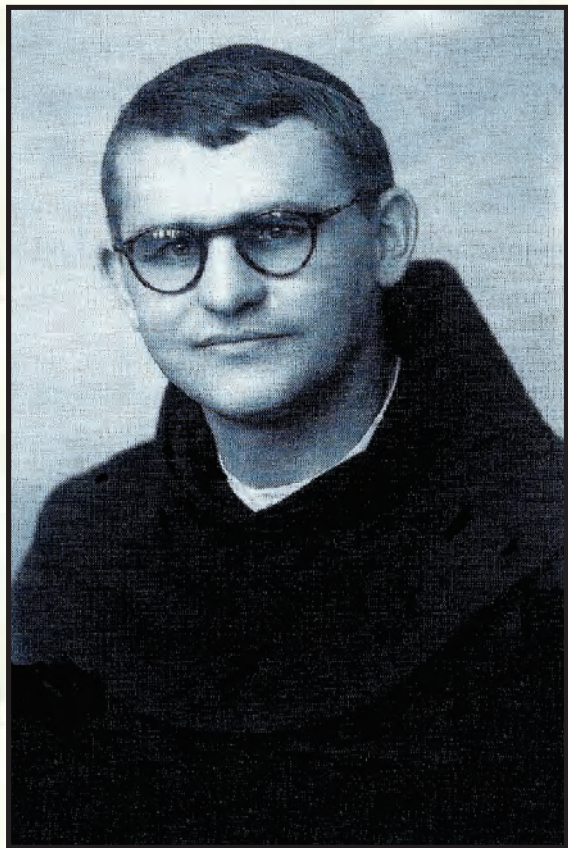
**Surge à porta, de novo, ó mãe Terra,
a brotar de seu fértil seio ainda a
Primavera. Vem! Seja bem-vinda!**

antônio jurandyr amadi. 51/57

Dom Paulo Evaristo foi bom pastor e exerceu a sua bela política, quando fez da esperança o seu lema episcopal e quis que uma esperança, uma vez concretizada, levasse a outra. Assim, era convicção profunda dele, o mundo se transforma, de esperança em esperança.

O bom pastor de São Paulo tinha um profundo respeito pelo ser humano, imagem e semelhança de Deus. Ele enfrentou com toda coragem aqueles que negavam esta dignidade. Enfrentou o regime militar e fez de tudo para fazer valer a justiça no mundo do trabalho. Ele preocupou-se com a população de nossas periferias, morando mal, se alimentando mal, alijada do mercado de trabalho, sujeita à violência da criminalidade e à violência do racismo e do preconceito.

O bom pastor Dom Paulo Evaristo se fez presente, sem aviso, nos porões da ditadura para averiguar a tortura desumana a que eram submetidos os que se opunham aos desmandos da ditadura. Foi uma ação profundamente política aquela presença, porque os atentados à vida eram frequentes e clamavam aos céus.



Que importante ação política exerceu o bom pastor, o cardeal Arns, quando escolheu a dedo homens e mulheres que colaborassem com ele para defender os presos políticos e posteriormente para registrarem a história da tortura num livro que precisa ser constantemente consultado, *o Brasil Nunca Mais*.

Dom Paulo Evaristo Arns foi bom pastor e bom político quando fez da Cúria Central da Arquidiocese ponto de chegada dos refugiados de outras ditaduras da América Latina.

Que ação política maravilhosa realizou o arcebispo de São Paulo quando, de mãos dadas com líderes religiosos cristãos e não cristãos, entre eles, o rabino Henry Sobel e o pastor presbiteriano Jaime Right, na catedral da Sé, orou pelo jornalista Vladimir Herzog, assassinado nos porões da ditadura. Aquela celebração foi passo decisivo para a redemocratização do país. A multidão que lotou a catedral e a praça da Sé, diante de milhares de câmaras que registravam tudo, mostrou a força da organização popular. Mais tarde, dom Paulo receberia os restos mortais de Frei Tito, frade dominicano destruído física e mentalmente por um torturador cruel e animal, que não merece nem que se diga seu nome.

O Cardeal dos direitos humanos foi bom político e bom pastor quando se fez presente em toda a cidade através de seus bispos auxiliares que com ele viviam em plena harmonia, num colegiado, misturados ao povo de Deus.

Dom Paulo estava presente na Cúria Arquidiocesana quando chegou a notícia do assassinato do líder dos trabalhadores, Santo Dias da Silva. Dom Paulo foi ao instituto médico legal onde se achava o corpo daquele trabalhador. Ele se aproximou do corpo de Santo Dias, tocou naquelas feridas mortais e gritou para todos os policiais que ali estavam: “Vejam o que vocês fizeram com ele.”

O Cardeal Arns foi bom Pastor e político no mais belo significado desta palavra quando assumiu a proposta da Unicef, e criou a Pastoral da Criança do Brasil. Esta pastoral realizou o milagre de proteger as crianças vítimas da desnutrição, do abandono, da mortalidade infantil. Como esquecer que dom Paulo confiou essa pastoral a sua irmã, doutora Zilda Arns, médica sanitária, que se tornou o anjo da guarda de nossas crianças carentes. A Pastoral da Criança fez escola e a doutora Zilda se tornou mártir ao morrer no terremoto que destruiu o Haiti. Ela estava lá para criar a Pastoral da Criança.

Dom Paulo Evaristo foi bom pastor ao transformar em pastorais sociais as políticas públicas inexistentes e omitidas nos planos de governo. Através de planos pastorais elaborados a partir da consulta ao povo, ele transformou as dores e os clamores do povo em prioridades pastorais. As pastorais do menor, do idoso, da saúde, da educação, do trabalho, da ecologia, da moradia e tantas outras.

Ele transformou também em pastoral ambiental a população em situação de rua. Padre Júlio Lancelotti, convocado por ele, mantém-se firme na defesa dessa multidão que muitos não enxergam. Padre Júlio fez suas preocupações de dom Paulo e prossegue na defesa desta população.

Também o vicariato das comunicações foi fruto do coração amoroso de dom Paulo. Seu zelo pela cidade e a consciência de que a Igreja devia comunicar-se no seu interior e comunicar-se com o mundo num fraterno, respeitoso e constante diálogo

Eu dou graças a Deus por ter registrado no jornal O SÃO PAULO toda o pastoreio desse homem de Deus. Ele me disse, em janeiro de 1980, que precisava de alguém que fosse estudar para assessorá-lo. Eu sugeri comunicação e ele aceitou imediatamente. Eu fui a Roma estudar e meu trabalho de conclusão de curso foi a Igreja e a censura política à imprensa.

Dom Paulo Evaristo não recuou com as tentativas do regime militar de amordaçá-lo, censurando seu jornal e cassando a concessão da rádio católica 9 de Julho em 1973. Ele, porém, não deixou de falar ao povo e à sociedade nos espaços que lhe abriam a imprensa laica, nas homilias que fez na catedral, nos livros que escreveu, nos lugares os mais diversos onde era chamado para dar seus recados.

Dom Paulo movimentou políticos e juristas para arrancar a mordaça e ter sua rádio de volta. Até que a recebeu novamente. Eu fui com dom Paulo a Brasília em 1998 para recebê-la. O então presidente Fernando Henrique Cardoso disse no ato da entrega da emissora: “Não estou fazendo um favor à Igreja. Estou reparando uma injustiça” - disse o então presidente.

Dom Paulo Evaristo foi bom pastor e bom político quando não se encantou com tantos prêmios internacionais que lhe deram por conta de seu trabalho pela dignidade humana. Falou mais forte o seu coração franciscano.

Ele investiu tudo em centros comunitários, muitos dos quais hoje são paróquias bem estabelecidas e construiu um templo para acolher os moradores em situação de rua.

E paro por aqui. Pode ser que haja quem me conteste em chamar dom Paulo de bom político. E eu pergunto se daria para ele fazer tudo o que fez, sem uma ação política? Alguém que se disponha a defender os direitos humanos poderá realizar sua defesa sem a política?

Voltando ao começo, eu creio não estar errando ao dizer que dom Paulo nos fez entender que a pior forma de fazer política é não querer fazer política.

E hoje, vendo com tristeza o nosso querido Brasil de volta à linha abaixo da linha da pobreza; vendo índios sendo expulsos de suas terras, vendo a violência física e a violência das estruturas; vendo direitos sendo negados, como por exemplo os direitos trabalhistas conquistados com sangue e suor, eu penso como será bom lembrar dom Paulo e nos perguntarmos se não é hora de voltarmos à profecia.

Eu sonho com o reavivamento de nossas pastorais sociais; sonho com um apoio muito forte à Pastoral Fé e Política. Está na hora, penso eu, neste ano do Centenário de dom Paulo, de nos perguntarmos o que ele diria e o que ele faria neste momento tão difícil por que estamos passando em nossa história.

Uma frase eu tenho certeza que ouviria dele: “Esperança sempre! Coragem!*

ANTÔNIO APARECIDO PEREIRA, Côn, 77 (59/64). Padre (ordenação em 18.12.71) e Jornalista da Rádio Nove de Julho (AM 1600kHz). Pároco da paróquia Nossa Senhora das Dores, Casa Verde, S.Paulo-SP. 11.98306.386 & 11.3951.2381 padrecido@uol.com.br



Após mobilização popular com cinco mil assinaturas, padre Júlio Lancellotti foi um dos escolhidos para receber o prêmio Zilda Arns, de Direitos Humanos 2021, da Câmara dos Deputados de São Paulo. Esse prêmio foi criado em 2017 para reconhecer pessoas e instituições que trabalham ativamente em defesa dos direitos das pessoas idosas. O nome é em homenagem Dra. Zilda Arns Neumann, médica pediatra que atuou em causas humanitárias e sanitárias. Foi conselheira no Conselho Nacional de Saúde e também trabalhou no Ministério da Saúde. Uma das fundadoras da Pastoral da Criança. Lancelotti, da Pastoral do Povo da Rua de São Paulo, ganhou o merecido prêmio pelo seu trabalho em defesa do direito da população idosa e pelo gigantesco trabalho humanitário que alcança centenas de pessoas que vivem na pobreza.

ORAÇÃO INTER-RELIGIOSA

Espaço marcado por entrelaçamento entre poesia e mística. Por meio de orações de mestres espirituais de diferentes religiões, mergulha-se no Mistério que é a absoluta transcendência e a absoluta proximidade.

QUANDO VIER A PRIMAVERA

Alberto Caieiro

**Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.**

**Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.**

**Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.
Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.**

in Fernando Pessoa. Obra poética. Nova Aguillar: Rio de Janeiro, 1992, p. 236-237

Alberto Caeiro (Heterônimo de Fernando Pessoa): Personagem ficcional ligado à natureza, que desconsiderava o pensamento filosófico. Um poeta "simples", que considerava a "sensação como única realidade", sempre em busca de um "objetivismo absoluto".

Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1988 - 1935): Escritor, astrólogo, crítico literário, filósofo e comentarista político português. O mais famoso poeta português teve seu trabalho marcado pela criação de heterônimos, que eram personalidades poéticas completas, "com identidades que, em princípio falsas, se tornam verdadeiras através da sua manifestação artística própria e diversa do autor original".

NÃO DEIXE O NOSSO ECHUS DO IBATÉ MORRER !

É de conhecimento público que o *Echus* vive de doações e trabalho voluntário. Ele existe, simplesmente porque seus leitores adoram não perdê-lo uma só leitura... queixam-se quando ele atrasa gostariam muito de que ele fosse editado não de dois em dois meses, mas mensalmente, pelo menos. Além disso, esse jornal o fator de unidade da gloriosa *Turma do Ibaté*, pois ele promove e alimenta boas expectativas de convívio e amizade e é carregado de muitos significados para o coração e para a vida de todos os seus membros

Vive tu, *Echus do Ibaté*, para o consolo dos homens!
E como fazê-lo?

Não é nada difícil: valores pequenos, valores médios, valores altos. Faça doações! Sem elas, nada feito, e o *Echus* não sobreviverá. Seu diagnóstico atual é bastante sofrível, deveras. E o prognóstico, nem falar... pelo andar dessa carruagem, ele não conseguirá nem mesmo se aproximar do Sabóó, pois suas pernas estão muito fracas. A subida desse sagrado Morro encontra-se quase rente ao universo das impossibilidades. E sempre lá, do alto dessa montanha, que costumamos anunciar e convidar a todos para que participem de nossos também sagrados *Encontros Bi-anuais*, que, ali já se aproximam... observe que em breve será iniciada a tradicional contagem regressiva. Será que conseguiremos??

Sim, continue com as doações, não pare, não. No entanto, temos uma sugestão, sobretudo para aqueles que sentem o desejo de colaborar, mas que tem dificuldade em colocar isso em ação: autorize seu banco, pessoalmente ou

pela Internet a realizar um débito automático de sua conta pessoal e creditar esse valor na conta do *Echus do Ibaté*. Faça com que isso ocorra mensalmente, e que o valor lhe seja acessível. Decida o *quousque tandem* ou siga o exemplo de alguns colegas, aplicando por *sine die*. Dessa forma, seu desejo de contribuir será atendido, você não se sentirá em falta e esse instrumento poderá ressuscitar e continuar cumprindo sua função de alegrar todos nós. Experimente! Aceite nossas sugestões. Todos ficarão satisfeitos e não mais seremos afogados por esse sentimento de abandono e ameaças constantes de morte.

Eis os dados bancários: Banco Bradesco (237), Ag. 3191, Conta corrente 14399-5, Em nome de Carlos Domingues Cosso, CPF 024.626.218-49



OLIMPIÁDAS IBATEANAS



Francisco Ferreira de Almeida*

Vivemos há pouco as emoções do evento mundial das Olimpíadas, em Tóquio, Japão, um grandioso acontecimento que altera e transforma a vida de muita gente, no mundo todo, tanto pela participação quando atletas, quanto pela admiração e torcida de todos nós. É fácil notar uma aura de alegria, pelos inúmeros comentários por toda parte, de admiração pelos resultados, beleza das instalações, estruturas, modalidades, superações, riso, choro, comemorações efusivas, mas principalmente, pela congregação e convivência de tão diferentes povos, de tantas nacionalidades, que nesta hora parecem ser uma mesma nação, integrados pela mesma energia, pelo admirável espírito esportivo. Consideradas as proporções, era assim mesmo que nos acontecia... lá no velho e saudoso Ibaté.



Olimpíadas Ibateanas - 1951

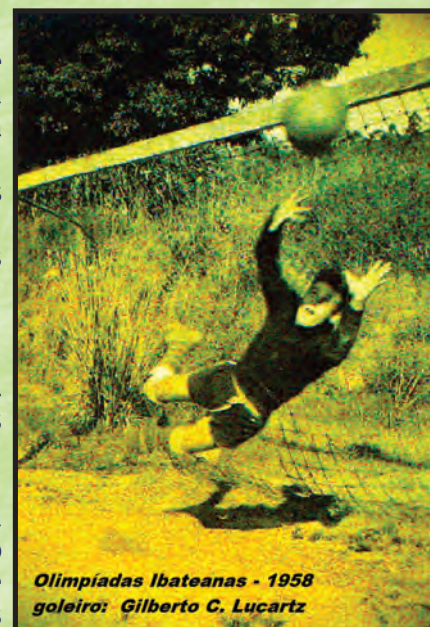
Tudo isso nos remete ao Seminário do Imaculado Coração de Maria, Ibaté, herdeiro máximo de praticamente todas as atividades desportivas de sua célula-mater, o Seminário de Pirapora, e até mesmo aquelas disputas olímpicas. Recordemos que as tínhamos registradas no enorme calendário educativo que todos lá experienciamos, em doses diferentes, porém, o suficiente para nos provocar alegria e saudade desses tempos. Alegres lembranças! Temos documentos que confirmam essa tradição desde sua fundação, em 1949, e deles podemos abstrair que com o passar dos anos tenha ocorrido não apenas um crescimento da participação dos alunos quanto um aperfeiçoamento de sua organização e preparo. E apresento aqui meu testemunho quando pude intensamente participar das olimpíadas do saudoso 1967, que me lembre, num maravilhoso e ensolarado fim de semana.

O evento de fato começava bem antes da data definida, com reuniões de planejamento, havendo a predominância dos colegas maiores, que recorriam à experiência e histórico de edições anteriores. Desenhava-se, então, a estrutura das diversas modalidades, suas respectivas características, regras e calendário. Definiam-se também os locais onde aconteceriam as competições e os responsáveis de providenciar equipamentos e materiais adequados, a saber, uniformes, bolas, redes, preparo do chão do pátio, roçada do campo e do trajeto das maratonas, bolas de pano, latas, escada, sacos, batatas, colheres, apitos, pranchetas, etc, etc,...

As equipes eram definidas juntando colegas de todas as turmas, menores, médios e maiores, bem como, quem seria o “técnico”, o capitão ou o responsável por elas, bem como os juízes de cada atividade.



Olimpíadas de Pirapora - 1948 (torre humana)



Olimpíadas Ibateanas - 1958
goleiro: Gilberto C. Lucartz

A relação de atividades era muito rica, considerando nosso amadorismo e experiência, porém, hoje nos admiramos de como conseguíamos elaborar um projeto tão detalhado. Havia futebol de campo, futebolzinho (nas quadras de terra no pátio), volei, basquete, espiribol, ping pong, bolinha de gude, natação, corrida de fundo, corrida de revezamento, maratonas (a mais longa, chamada *Santa Tereza*, que circulava o seminário, passava pelas pereiras e retornava pelo calvário ao lado da caixa d'água e a de

menor percurso chamada Cardeal Motta, que circulava o prédio do seminário, descia pelo lado do refeitório indo até o lago e fechava o círculo em subida pela Via Cardeal Motta), salto à distância, corrida individual de saco, corrida de três pernas (dois corredores), tiro ao alvo (com bolas de pano: armava-se uma escada e dispunha-se uma quantidade de latas

nos degraus), corrida de batatas na colher e outras possíveis modalidades, frente às quais muitas vezes a memória não se manifesta.

Como algumas delas eram de tipo torneio, com várias partidas eliminatórias (a exemplo de futebol, voley ou basquete) semanas antes já eram iniciadas a fim de que finalizassem no dia do encerramento da olimpíada. E a maior quantidade de atividades acontecia neste mesmo final de semana, momento de apressadas movimentações, carregamento de muito material, inúmeras montagens e desmontagens de equipamentos, palmas, gritos, reclamações, esfolões, muitos risos, alegria geral - alegria sem fim!

Os alunos eram muito bem informados. Murais e vitrines de vários corredores traziam um enorme repertório de dados, calendários, regras, escalações, equipes e avisos com indispensável precisão para o acompanhamento. Também eram afixadas algumas cartolinas com imagens olímpicas e frases de efeito esportivo convocando-nos para a grande competição.



Nesse longo final de semana, ocorriam algumas atividades no pátio do recreio, mas a maior concentração se dava na lateral do prédio do *Estudão*, a ala das amoreiras, bem apropriada por ser larga, plana e comprida. Era admirável olhar para aquela rua com o tanto que ocorria num mesmo instante e um encantador fervilhar de “meninos” muito felizes e em plena diversão, exercitando suas habilidades com muitas superações e extraordinários recordes.

A premiação se resumia em medalhas. Eram entregues publicamente no refeitório à equipe vencedora e a atletas que se destacaram naquelas competições. E, por se tratar de um dia de grande festa, era evidente que o almoço era especial, um *almoço festivo*, como dizíamos, em que havia singular cardápio, com carne de coelho, por exemplo, sobremesas especiais deliciosas e muita *Tabuaína*.

Amigos do Ibaté, nossas olimpíadas eram mais uma das grandes façanhas materializadas por nossas turmas, que possuía e expressava uma força realizadora que desconhecíamos. Tenho certeza de que hoje, cada ibateano, ao rever a sua permanência lá, não importa por quanto tempo, se sente muito orgulhoso por ter feito, aprendido e vivido tantas situações que pareciam grandes demais, inéditas, fora do comum para aquela idade, porém as fizemos; todas elas fazem parte do nosso *curriculum vitae* como criaturas humanas em trajetória evolutiva. Admirável!

Uma grande energia nos movia: éramos jovens. Havia um espírito de confiança em nossos corações, um grande desejo de sermos cada dia melhores, como meninos, como “filhos de Deus”, como comunidade, através da prática da disciplina, da alegria, fraternidade, devoção e da gratidão.
Bençãos de alegria e saúde a todos!

*FRANCISCO FERREIRA DE ALMEIDA, Ferreirinha, 69, 64/68 - Publicitário em São Paulo-SP, franciscoferreira@gmail.com 11-98494.7745



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

O CARDEAL



Frei Beto

A porta do presídio, o bispo é impedido de entrar. Só o arcebispo, que ali nunca esteve, tem passe-livre. Pouco depois, o arcebispo - que viu torturados, mas jamais acreditou em torturas - é removido para Roma. O papa nomeia para o seu lugar o bispo proibido de visitar os presos políticos. Do alto de seu novo múnus arquiépiscopal, o futuro cardeal, todo paramentado, apresenta-se à porta do presídio que, agora, se abre ao sopro da força do Espírito.

O novo arcebispo sobe as escadas da galeria de celas, ouve atento as denúncias de maus-tratos, visita os frades dominicanos acusados de subversão, abençoa os que sofrem.



Semanas depois, um dos frades é levado de volta às sevícias e, durante três dias, submerge no batismo de sangue, em comunhão com os mártires. O cardeal deixa a sua casa - pois vendera o palácio episcopal para construir centros comunitários na periferia - e vai ao presídio consolar o frade, cuja boca havia sido aberta para “receber a hóstia” de descargas elétricas, enquanto a pele ardia à brasa de cigarros.

O cardeal ignora a advertência dos policiais e entra, sem pedir licença, numa delegacia de proteção da ordem política e social. Ninguém ousa barrá-lo, nem se atreve a acusá-lo de desacato à autoridade. O cardeal está de *clergyman* e caminha firme rumo ao subsolo, onde encontra um de seus padres sangrando em dores. Como quem teme mais a autoridade de Deus que a dos homens, o carcereiro mete a chave no cadeado e destranca os ferrolhos, permitindo que o cardeal toque as chagas do sacerdote descido há pouco do pau-de-arara.

O jornalista judeu foi suicidado no mesmo local em que o frade havia sido espancado. O cardeal reage indignado e convoca os fiéis para a missa solene na catedral. Rabinos e empresários, empenhados em demover o cardeal, dirigem-se à casa dele e tentam convencê-lo da insensatez de um culto católico para um judeu assassinado. O cardeal retruca enfático: “Jesus também era judeu”. E abre a catedral à cerimônia fúnebre.

O cardeal viaja quilômetros de carro para visitar prisioneiros afastados dos grandes centros urbanos, aceita mediar a greve de fome dos encarcerados, abre suas portas a familiares e advogados que vêm contar-lhe da mais recente vítima da ditadura. O cardeal telefona a generais e delegados, protesta junto ao presidente da República, informa ao papa o que se passa nos subterrâneos da história do Brasil.

A ditadura agoniza e o cardeal, convencido de que não se deve repetir nunca mais esta página da história, escreve o mais contundente relato dos crimes do regime militar, *Brasil Nunca Mais*. O livro alcança repercussão mundial e torna-se fator de interdição, em funções públicas, de muitos que acreditavam que a liberdade se esculpe a pauladas.

O cardeal incomoda, com o seu profetismo, a própria Igreja. Sua arquidiocese é retalhada, restando-lhe o centro, enquanto seu coração permanece na periferia. Seu nome é suprimido das comissões vaticanas. O papa João Paulo II mostra-lhe o dossiê que a Cúria Romana preparara contra ele e atira-o no lixo. O cardeal dobra-se, apanha os papéis e pede ao papa que assine, para guardar de recordação.

O cardeal se chamava Dom Paulo Evaristo Arns. (03.07.2020)

* **FREI BETTO (Carlos Alberto Libânio Christo, 77)**, mineiro de Belo Horizonte, é escritor e religioso dominicano. Recebeu vários prêmios por sua atuação em prol dos direitos humanos e a favor dos movimentos populares. Foi assessor especial da Presidência da República entre 2003 e 2004. “Hotel Brasil” é seu livro mais popular, além de “A Obra do Artista - uma visão holística do Universo”, “Um homem chamado Jesus”, “Batismo de Sangue”, “A Mosca Azul”, “Diário de Quarentena”, “Por uma educação crítica e participativa” entre outros. Para adquiri-los, entre em www.freibetto.org

A CÚRIA DE DOM PAULO

narrativas pessoais



D. José Maria Pinheiro*

Tive a graça e a alegria de ter convivido de forma mais estreita com Dom Paulo. Ouso chamá-lo *Apóstolo Paulo*.

Trabalhei ao longo de vinte anos na Amazônia e devo a ele o incentivo para partir para essa missão. Quando ainda em Itacoatiara-Am, fez-nos uma visita a fim de dar apoio aos missionários e à Prelazia. Passamos vários dias juntos circulando pelas Comunidades ribeirinhas. Vi Dom Paulo sabendo se comunicar com grandes autoridades do Brasil e do Mundo e, de idêntico modo, com o povo simples da Prelazia naqueles rincões amazônicos. Foi a ocasião em que pude ter ótimas e longas conversas com esse Gigante.

Após quatro anos em Itacoatiara, Dom Paulo chamou-me para trabalhar na Chancelaria da Arquidiocese de São Paulo. Sair das matas amazônicas e assumir um trabalho burocrático na Arquidiocese Paulista foi um baque para mim. De agosto de 1981 a dezembro de 1982, tive mais essa graça de conviver com esse Homem.



Como Bispo em Bragança Paulista-SP, anos depois, deparei-me com o magnífico Palácio Episcopal daquela Diocese. Embora tivesse me recusado a morar na suntuosa residência, não me aconteceu o mesmo arrojo de D. Paulo: vendê-lo e distribuir seus valores para a faminta periferia da Diocese; sinto não me ter sido possível seguir seu exemplo com relação ao Palácio Pio XII de São Paulo. É uma grande pena que não tenhamos Bispos neste mundo como Dom Paulo, o Apóstolo Paulo!

De volta a São Paulo-SP, além da Chancelaria, esse Cardeal colocou-me como responsável pelo andamento da Cúria - o responsável número um. Imaginem o meu espanto!

Naquela sua visita a Itacoatiara, o Cardeal viu, é claro, todos nós de bermuda, camiseta e chinelo de dedo, dado o calorão que lá sempre faz. Ele, porém, embora em trajes civis, vestia-se de calça e camisa... e sandália. Nós andávamos mais à vontade. Por essa razão subentendi que, ao propor-me esse trabalho na Cúria Metropolitana, tivesse intenção de que eu servisse como um certo "exemplo" para o pessoal da Cúria, e desse modo facilitasse uma proposital modificação cultural daquela casa, que demonstravam preocupações, a meu ver, muito exageradas quanto a etiquetas e costumes. Os padres sobretudo, muito longe de meus hábitos, todos eles vestiam-se de uma maneira muito cerimoniosa, sem naturalidade alguma. A indumentária era basicamente constituída de terno e gravata. Engano meu! Achei que estava ali para que isso se modificasse, mas... Sim, à Cúria, eu ia sempre vestido de calça, camisa de mangas curtas e sapato - não era de bermuda e havaiana... E assim, comecei a trabalhar. Passado cerca de um mês, ele me chamou:

- Não, não estou contente com o seu traje... Você deve usar ou *clergyman* ou então, terno e gravata - e não da forma como se apresenta agora!

- Mas Dom Paulo, eu não tenho terno ou paletó; meu guarda-roupa é muito pobre. Nada disso eu tenho, retruquei-lhe.

- Então eu vou lhe dar um terno de presente.

Passados mais alguns dias... novamente ele me chama:

- Padre Zé Maria! Já lhe falei que não quero que venha assim. Você não me obedece!

- O Sr. me prometeu um terno de presente e não deu até agora; estou esperando que aconteça.

E ele, de bravo passou a rir: "Você tem razão!"

D. Paulo ia à Cúria às terças, quintas e sábados. Eu ia lá a semana toda. No dia seguinte, a Sra. Maria Ângela Borsoi, sua secretária particular (irmã de um ilustríssimo amigo ibateano, o José Luiz Borsoi. Um capítulo inteiro do livro *O Cardeal da Resistência*, de Ricardo Carvalho, trata dos 40 anos de colaboração dessa senhora a nosso Cardeal) correu para lá, levando-me o cartão de um grande alfaiate do Jabaquara, para onde fui rapidamente, já com a finalidade de tirar as medidas. E em seguida também retornei, para acertar os ajustes, com a promessa de que tudo estaria pronto dentro de uma semana. "Você pode vir, mas telefone antes, para não perder a viagem!", disse-me o alfaiate. Dito e feito. Telefonei-lhe nesse dia, e sua esposa, chorando, informou que ele havia falecido havia dois dias.

- E você não perguntou para a viúva quem assumiu o seu trabalho? esbravejou o Cardeal quando contei-lhe o

ocorrido

- Ah, D. Paulo, é muito desagradável, no dia seguinte ao enterro, questionar uma recém-viúva sobre os negócios pendentes de qualquer falecido... Tenha dó! O que fiz foi consolá-la pela perda, dar-lhe meus pêsames e dizer-lhe sobre as orações que eu poderia encaminhar...

- É... está bom, mas daqui alguns dias, telefone novamente e pergunte sobre esse trabalho. Com quem ficou. Eu quero ver você dentro de um terno, já lhe disse isso!

Foi quando ela me indicou um novo alfaiate, da Vila Mariana, tão grande profissional quanto seu falecido esposo. E aí deu tudo certo: em pouco tempo eu já vestia esse terno, muito bonito e bem feito, aliás.

Na Cúria, todos sabiam dessa história. No dia em que fui trabalhar todo elegante, com gravata e tudo, objeto de muitas gozações e brincadeiras. Agora eu estava como todos eles! Lembro-me até mesmo do Pe. Sérgio Conrado, um ibateano dos nossos, pessoa muito divertida, que para fazer troça de mim, de joelhos beijou minha mão em reverência, e todos gargalharam... A última vez que havia usado um terno, ainda estava no Ibaté... um daqueles terninhos cáqui que fazia parte de nosso enxoval, e ainda tomei conhecimento recentemente de que o amigo Paulo Toschi, apareceu num desses nossos Encontros bianuais protocolarmente envolvido num deles... Aliás, esse terno *cardinalício* deixava-me num grande desconforto; um tanto quando incomodado. Sempre me foi assim, jamais me acostumei a paletós. No entanto, eu o vestia apenas nos dias em que Dom Paulo comparecia à Cúria. A bem da verdade, eu continuava o mesmo e, nos dias de hoje, nada disso mudou em mim!

Uma de minhas várias atividades ali era receber autoridades, civis ou religiosas. Achava isso tudo muito formal e servil, mas era uma obrigação que deveria cumprir. Formal ou formol?!?! A autoridade chegava, tomava um cafezinho comigo e em seguida eu a conduzia à sala do Cardeal. No primeiro dia em que fui trabalhar todo emperquitado e na estica - estávamos em 1981 - adentra a Cúria o Sr. Daniel Ortega, presidente da Nicarágua e membro da Frente Sandinista de Libertação Nacional, pessoalmente uma figura bastante simples. Naquele janeiro calorento, ele vestia jeans e camisa de mangas curtas, exatamente como eu gostaria de estar. Fiquei até com vergonha.

Noutra oportunidade, o político Sr. Paulo Salim Maluf, em plena campanha eleitoral, tenta agendar um encontro com o Cardeal:

- O que é que ele quer? Qual o assunto?

- Respondeu que desejaria receber a sua bênção.

- Então diga a ele que pode vir, sim, mas que não traga jornalistas - que venha apenas ele - TVs ou fotógrafos, nada disso! Só ele mesmo. Que se for para vir com alguém, que não seja ninguém além de seu motorista.

E o Maluf apareceu na hora marcada. Antes de se dirigir para o escritório, passou por uma grande sala em que estavam inúmeros padres e outras pessoas, uma sala cheia, quase lotada. Foi quando apareceu Dom Paulo, que a todos fez notar a presença do Sr. Paulo Maluf, e, de público, já apresentado a todos, perguntou-lhe o que viera fazer na Cúria da Arquidiocese de São Paulo. Aquele homem explicou a todos que estava ali para a honra de ser abençoado pelo Cardeal, ao que Dom Paulo respondeu:

- Sim, eu o abençoarei, Sr. Maluf. mas eu exijo uma condição muito importante: O senhor deve parar de roubar! Não havia alguém ali que nesse momento não tivesse sentido dó, pena ou misericórdia daquela triste criatura, tão humilhada publicamente.

Conservo ainda em minha memória outro interessante acontecimento que testemunhei junto a Dom Paulo: houve um grande amigo, coincidentemente de Bragança Paulista, que procurou-me - eu ainda trabalhava na Chancelaria e vivíamos a candente época da Ditadura, 1981, sob a presidência de João Figueiredo. Disse-me que seu pai era membro militante do Partido Comunista, clandestino na época. A polícia descobriu e o acabou prendendo. Encontrava-se no terrível Doi-Codi de São Paulo, (Destacamento de Operações de Informação, Centro de Operações de Defesa Interna, órgão subordinado ao Exército de Inteligência e Repressão do Governo). Perguntou-me se o Cardeal poderia interferir em seu favor. Propus-lhe uma conversa com ele, mas ainda assim alertou-me que seu pai era ateu, uma grande preocupação que lhe ocorria, e se haveria problemas quanto a isso. Tinha dúvidas se o Cardeal o atenderia. Ele mesmo também era ateu, confessou.

- Dom Paulo, tenha certeza disso, ele não está interessado nem um pouco em saber qual a sua religião, qual a sua fé. Seu cuidado é com a libertação de alguém que esteja preso no Doi-Codi, apenas isso.





Fomos à Cúria e ele contou toda a história ao Cardeal. Na hora, Dom Paulo fez uma ligação para o Doi-Codi:

- Eu exijo que vocês liberem *agora* o Sr. Fulano de tal, que está preso aí injustamente. Quero saber dele agora solto!

A pessoa respondeu-lhe algo e ele disse:

- O Sr. pode ir lá agora, que ele já está solto.

Esse foi Dom Paulo Evaristo Arns, que tantos de nós tivemos a graça de conhecer. .

Nossa expectativa e nosso pedido a Deus é que jamais morram essas sete vidas de nosso Cardeal, como dizia o sr. Ricardo Carvalho, repórter da Folha de São Paulo e também seu biógrafo, recentemente falecido agora em 20 de junho aos 73 anos: o Bispo Missionário, o Bispo da Periferia, o Bispo do Povo de Rua, o Bispo dos Direitos Humanos, o Bispo da Coragem, o Bispo da Resistência e o Bispo da Esperança.

Termino com essa citação, mas com toda certeza há centenas de outras Vidas nesse grande Homem que tanta falta nos faz, por sua coragem, por sua dignidade e por sua força moral de defender os humildes, os oprimidos e os humilhados.

Que suas sete vidas continuem a viver em todos nós.

Dom Paulo, transmita-nos todas essas Vidas. Amém!

***JOSÉ MARIA PINHEIRO, D. (Donzé)**, 83 (51/57) Bispo Emérito de Bragança Paulista-SP - Ordenação Presbiterial, 27.12.1964. Ordenação Episcopal, 19.04.1997, atualmente em missão em Pontoise, na França - (33) 6-33-82-59-28

DOM PAULO

Dados Biográficos

Nascido em Forquilha, Criciúma, SC, 14.09.1921.

Ordenação Sacerdotal: Petrópolis, RJ, 30.11.45.

Eleito Bispo Titular de Respecta e designado Bispo Auxiliar do Cardeal Rossi: 02.05.66.

Ordenação Episcopal: Forquilha, SC, 03.07.66.

Promovido a Arcebispo Metropolitano de São Paulo: 22.10.70.

Posse como Arcebispo: 01.11.70.

Criado Cardeal por Paulo VI: 05.03.73;

Falecido em São Paulo-SP, 14.12.2016

Como Bispo:

Arcebispo Metropolitano de São Paulo de 01.11.1970 a 22.5.1998;

Cardeal desde 1973;

Membro da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos;

Coordenador do Colégio Episcopal de São Paulo;

Grão Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Recomendamos:

(1) https://www.youtube.com/watch?v=67LI0IA_QEg

Maria Lydia em nove minutos de entrevista com o jornalista Ricardo Carvalho, biógrafo de dom Paulo Evaristo Arns (14.12.2016)

(2) <https://www.youtube.com/watch?v=tGnkkwyuT7I&t=12s>

RODA VIVA - D. Paulo Evaristo Arns - 01:30h (25.12.1995)

(3) <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578365-coragem-documentario-exibe-as-muitas-vidas-de-dom-paulo-evaristo-arns-o-cardeal-da-resistencia-a-ditadura>

Artigo do Instituto Humanitas Unisinos, que apresenta o documentário "Coragem", de Ricardo Carvalho; (15.04.2019)

(4) <https://www.youtube.com/watch?v=jZtAQfTc2W0>

"CORAGEM - Documentário de Ricardo Carvalho, produzido pelo Instituto Vladimir Herzog, 2017 - 01.24.39h

(5) Livros de Ricardo Carvalho - biógrafo de Dom Paulo

- O CARDEAL DA RESISTÊNCIA: As Muitas Vidas de dom Paulo Evaristo Arns (Ed. Instituto Vladimir Herzog)

- O CARDEAL E O REPÓRTER - (Ed. Nova Cultural)

(6) - Uma boa Biografia resumida

http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/arns/dpaulo_notasbiograficas.html

A PUC DE DOM PAULO



Joaquim Benedicto de Oliveira*

Como grão chanceler da PUC-SP, de 1970 a 1988, Dom Paulo Evaristo Arns sugeriu e incentivou uma forte, intensa e livre discussão a respeito do ensino superior. Quanto a isso, poder-se-ia destacar a especial experiência do Ciclo Básico que, de 1971 a 1987, representou uma proposta pioneira no Brasil. Diante da difícil situação oferecida pela ditadura de 1964 no campo educacional, a PUC de D. Paulo resolveu priorizar a formação do aluno como pessoa imbuída de responsabilidade profissional e de consciência crítica. Esse plano pedagógico incluía uma formação geral ministrada em disciplinas comuns a todos os alunos ingressantes, ao mesmo tempo em que se iniciavam na formação profissional com disciplinas específicas. Tratava-se de um novo processo de aprendizagem que fosse contínuo e participativo. Este ponto exigia metodologia pedagógica centrada



na relação professor/aluno. E, por último, estabelecia-se uma preocupação interdisciplinar, com trabalho integrado com alunos de diferentes cursos, com professores de diferentes disciplinas e com Coordenação Própria. Foi, sem dúvida, experiência positiva, porque representou inclusão real e efetiva de alunos da classe trabalhadora na Universidade. E, como podemos atestar em nossos dias, qualquer programa parecido com essa vontade de inclusão não vai muito longe em um país dominado por uma elite que não suporta a inclusão e nem a ascensão das classes populares. O Ciclo Básico da PUC terminou, solapado que foi, pela ação de alunos e professores de alguns cursos também eles elitistas. Mas permaneceu a memória de Dom Paulo como aquele que abriu a PUC para a classe trabalhadora.

A Puc de Dom Paulo também se destacou no enfrentamento direto das forças militares durante seu tempo como Grão-Chanceler. Nesse passo, destaco a entrega do título Honoris Causa a Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, na ocasião, uma das pessoas mais odiadas pela ditadura militar. E é com orgulho que anoto aqui que na mesa daquela cerimônia estava o Cardeal Dom Paulo e, a seu lado, nosso dileto colega ibateano Marcos Tarciso Mazetto. Isso foi/aconteceu no dia 04 de março de 1982. Famosa e digna de recordação também foi a atitude de D. Paulo na invasão da Puc pelas tropas militares chefiada pelo coronel Erasmo Dias. Nosso grande Cardeal voltou imediatamente de Roma e sua afirmação foi especial e contundente recado aos exageros: "Na PUC, só se entra prestando exame vestibular e só se entra na PUC para ajudar o povo, não para destruir as coisas".

E, para terminar estas linhas, quero lembrar que Dom Paulo enfrentou a ditadura também com um gesto único naqueles difíceis tempos: recebeu inúmeros intelectuais caçados pelos órgãos da ditadura pela atuação na universidade. Saiba, leitor, alguns nomes que Dom Paulo acolheu na Puc, naqueles tempos sombrios: Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Bento Prado Jr., José Arthur Gianotti, Celso Furtado e Paulo Freire. Esta é mais uma lembrança que ajuda a gente a entender com maior precisão a magnificência do grande chanceler que foi Dom Paulo Evaristo Arns.

*JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA (Quinzinho), 50/56, 84 é doutor em literatura brasileira. Suas teses de mestrado e doutorado são: "A hierofania no episódio do pacto de Riobaldo com o demo" e "O trabalhador como tema e personagem em romances brasileiros da década de 1930". Aposentou-se pela PUC-SP após mais de 40 anos de trabalho e milhares de alunos como amantíssimo professor de Literaturas Brasileira e Portuguesa 11 99339-3092 joka.oliveira@uol.com.br S. Paulo-SP



MENSAGENS RECEBIDAS

Fazer vínculos é viajar no tempo;
Em cada estação, um novo apito.

ZEQUINHA (José Luiz Brant de Carvalho, 51/58)



DE PAULO FRANCISCO TOSCHI, 49/53 (S. Paulo-SP) - Muito bom o Echus do Ibaté nº 173, em sua edição de Inverno. Excelentes artigos. Parabéns ao Mosca e ao Careca. Gostei muito do *Encontro na Casa do Pai*, organizado pelo Alfredo Barbieri.



DE DOMINGOS SÁVIO AMSTALDEN, 64/69 (Campinas-SP) - Gostei muito do Echus 173. Destaco de minha parte o artigo do Lázaro Aguirre, nosso colega de turma, 1964. O Seminário do Ibaté foi o mesmo ponto de partida de todos nós, mas é fascinante conhecer o Caminho que cada um escolheu para trilhar em sua vida. Estas experiências narradas por nossos colegas e amigos são energizantes.



DE ALFREDO BARBIERI, 49/53 (Taubaté-SP) - O ECHUS a cada edição nos surpreende. É uma pausa gratificante. *Omnia possidet*. Tem de tudo:

Texto para reflexão: Texto Chato, Ubuntu.

Memória e homenagem aos falecidos: Tributo a um Amigo e as referências aos colegas que foram para a Casa do Pai.

História: Canabrava.

Espiritualidade: O Espírito Santo - Fé e Razão.

Recordação e Memória: Photantiqua e Protodierna.

Poesia: do amigo Valdevino e o Paróquia das Trovas.

Vale a Pena Ler de Novo: Leituras.

Humor: Craques e Pungas Históricas e Caso Edificante.

Humor com filosofia: Mentira e Dia da Mentira.

Ficção: Encontro Celeste.

O ECHUS é para ser lido e relido. Obrigado aos editores. *Ó Quam Bonum!*



DE JOÃO FRANCISCO DE BRITO RAMALHO, 60/62 (Salvador-BA) - Meu abraço de solidariedade a PEDRO SANSONE, 1951, pela perda de sua esposa, Sra. Lairce Montanha Sansone em 23 de junho último. Acompanhados dos casais Rita Marazzi e Antônio Carlos Correa, o Careca, 64/67, de S. Paulo-SP, e de Eliana e Antônio Carlos de Freitas, o Pixote, 60/63, de Marataíses-ES, estivemos na Pizzaria Carioca (fui e voltei em seu carro) em São Roque, na noite da véspera do Encontro de 2009. Antes do jantar, às 18h, estivemos eu e Sansone na Igreja Matriz, onde assistimos a missa celebrada pelo padre responsável pelo Seminário. Sempre que vou aos Encontros, revejo e converso com muita alegria com esse nosso amigo, ele que é responsável pelos preparos das deliciosas sobremesas e saladas e reconhecidamente uma autoridade quando se fala em *Alcachofrada*. Num momento tão difícil de sua vida e da de seus familiares, desejo que o querido amigo Pedro consiga amearhar muitas energias para resistir com bastante fé a essa tão dolorosa perda, e que todos se harmonizem centrando sempre seus pensamentos e ações para o Alto e contando com o privilégio da proteção divina.



DE VAGNER DE CARVALHO MELLO (Passarinho) 61/63 (Osasco-SP) - Mosca, boa noite! Muito obrigado pela lembrança com votos de feliz aniversário. Vocês são sempre muito atenciosos e prestativos e parabéns pelo bom trabalho à frente deste *Echus do Ibaté*. Apesar de leitor assíduo do jornal, na realidade estou mais fora do Brasil que por aqui, assim fica um pouco difícil participar mais efetivamente das reuniões e tratativas em geral. No alto de meus 75 anos, ainda estou na ativa, trabalhando muito e dando muito trabalho para todos que me rodeiam profissionalmente e pessoalmente. Espero poder em um momento futuro estar com vocês nas reuniões mensais e nos encontros bianuais, pois acho isto de um valor incrível e muito produtivo. Um grande abraço e fique com Deus.

Prezado Leitor,

Ocupe mais plenamente este espaçozinho de Mensagens Recebidas.

Dê mais energias ao Echus do Ibaté. Não permita que a vida simplesmente escorra entre seus dedos:

participe com entusiasmo, enviando-nos seus comentários, sugestões e críticas. Mande-nos e-mails, cartas, WhatsApp, telefonemas, motoboys e anúncios. Todos precisamos conhecer sua opinião e somos eternamente gratos. Deo Gratias!

PARÓQUIA DAS TROVAS



Parva domus potest esse
sed cor erit magnum.
Si cor bonum ibi adesce
Felicitas in aeternum.

Alfredo Barbieri, 49/53

Parva domus magna quies
parva domus, magnum cor.
In laetitia scio requies
gaudium ibi est maior.



Desejo aqui que te guies
No rumo da nossa fé
Em busca da *Magna Quies*
Parva Domus do Ibaté.

Valdevino Soares de Oliveira, 59/63

Casinha à beira da estrada
pela poeira engolida
Parva domus bem lembrada
Magna quies não esquecida.

Lembra a casinha da estrada?
Parva Domus, que fim deu?
Ruiu ou foi negociada?
Aquilo tudo sou eu!

Antonio Correa, 64/67

Em tua memória forjado,
por mais que negligencies
sempre estará lá cravado:
Parva domus magna quies.

Parva foi, bem pequenina,
para *Magna* ser também...
Hoje é a *Domus* que me ensina
que o saber vai mais além...

Antonio Jurandyr Amadi, 51/57

Parva Domus junto à estrada,
sem mais placa sobre a porta,
és agora só pousada
de saudade que conforta.

Parva domus é casinha,
na cidade ou no sertão,
mas o descanso que aninha,
dispensa comparação.

Joel Hirenaldo Barbieri, 51/58

Parva domus não importa,
o que vale é viver bem,
com muita paz que conforta
e muita saúde também.

Envie-nos também a sua trova!

Para-choque do Caminhão do Ibaté

MUITA HÓSTIA, VINHO À VONTADE E MUITO FEIJÃO.
FUZIL, NO IBATÉ, NÃO TEM NÃO!



A MENINA DOS OLHOS



Attilio Brunacci* (1949/55)

É sempre muito gratificante o exercício de escrever uma crônica envolvendo o passado que a gente viveu no Seminário do Ibaté. Então, a saudade (que é muita) quando bate e desperta a memória (que é pouca) faz brotar uma oportunidade que nos estimula a registrar as lembranças de um tempo que o passar dos anos não conseguiu apagar. E se o assunto gira em torno de um ser humano, o exercício da crônica se torna ainda mais gratificante.



Daí que me veio, então, a ideia de fazer um artigo sobre a singular pessoa de **Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta** (1890-1982), cardeal-arcebispo da Arquidiocese de São Paulo. Essa autoridade eclesiástica, no dia 23 de março de 1949, inaugurou o Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, aonde fui estudar no período de 1949 a 1955. Período de sete anos que me deu a chance de conhecer de perto um pastor que marcou sua passagem por São Paulo numa efervescente fase de mudança no campo sociocultural e de crescimento econômico. Com efeito, as fábricas paulistas estavam a todo vapor com a chegada da indústria automobilística; nos bondes “camarão” estava escrito: “São Paulo o maior centro industrial da América do Sul”, que, por sinal, tinha 2 milhões e 500 mil habitantes e já “sentia na carne” os efeitos funestos da migração interna (os nordestinos fugindo da seca). Ainda em São Paulo, é dessa época o surgimento do primeiro canal de tv.

Nesse cenário, vemos o Cardeal Motta - como era chamado - dedicando-se a emergentes problemas da Arquidiocese como, por exemplo, a criação da Faculdade Paulista de Direito (núcleo inicial da PUC-SP); a fundação da Rádio Nove de Julho; esteve ao lado dos bispos brasileiros para a instituição da CNBB; a conclusão das obras da catedral (as torres inauguradas nas comemorações do IV Centenário da cidade); maior dinamismo ao movimento leigo da Ação Católica. Era muito respeitado por Juscelino Kubitschek, governador de Minas Gerais e, na época, já de olho na construção de Brasília.

Foi nesse clima de mudanças em todas as direções que o Cardeal Motta ainda encontrou tempo pra se dedicar de corpo e alma ao seu Seminário Menor onde estavam depositadas as esperanças da sua Arquidiocese. Apesar daqueles compromissos, ainda encontrava tempo para estar com a gente em inúmeras ocasiões. Lembro-me dele perambulando pelos campos, nas imediações das torres de transmissão da energia, instaladas no morro acima do nosso pátio. Nessas ocasiões, tinha a cabeça coberta com um lenço com um nó nas quatro pontas para fixar melhor o chapéu improvisado. Caminhava com uma vara servindo de cajado, tendo na parte da frente da batina a fimbria alçada e presa nos botões, de modo a deixar aparecer discretamente a ceroula branca. Observado à distância, verdadeira imagem do pastor! O que estaria pensando, olhando-nos no pátio, a nós, os seus seminaristas? Todos eles chegarão ao sacerdócio? Haverá algum bispo? Se não, o que chegarão a ser? Pais de família realizados? Profissionais competentes? Cidadãos honestos? As respostas ficam para a eternidade.

Outra demonstração de apreço para com os ibateanos consistia em levar pessoas ilustres para visitar e conhecer o Seminário de São Roque. No ano de 1953, por exemplo, veio visitar-nos o governador do Estado de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez.

Em outra oportunidade, levou o Núncio Apostólico do Papa Pio XII, Dom Aloísio Masella, e assim vários outros bispos.

Assim, no Ibaté, conheci Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, grande mineiro da cidade Bom Jesus do Amparo e cardeal-arcebispo da Arquidiocese de São Paulo.

Confesso que me sinto orgulhoso quando penso que fiz parte desse privilegiado tipo “de menina dos olhos”. ...e já faz mais de setenta anos!

* ATTÍLIO BRUNACCI, (Caridade - Venerável - Tatu), 85 (49/55) - Graduado em Filosofia e Teologia, é escritor, educador e consultor ambiental para a área de Desenvolvimento Comunitário. 11-5181.6300 - brusfe@hotmail.com

DOM PAULO EVARISTO ARNS

EX SPE IN SPEM



Alfredo Barbieri*



Defensor da dignidade do homem
O sacerdote da Fé e da Esperança
Mediador entre o poder e a opressão

Paladino dos Direitos Humanos
Amigo dos desamparados e excluídos
Um homem de oração e realizações
Louvando a Deus e amparando os pobres
O padre, o bispo, o cardeal cheio de zelo e a serviço da liberdade

Exemplo de vida consagrada a Deus a serviço dos irmãos
Vencedor da luta pela moradia, pela justiça e verdade
A voz que não calou ante aos desmandos da ditadura
Reivindicando o fim das torturas e violações dos direitos fundamentais.

Insistindo na evangelização e oportunidade para todos
Sensato, cordial, mas implacável contra o mal
Todo voltado ao bem da Igreja e da sociedade
O farol que dissipou as trevas da descrença

Amado por Deus, respeitado e atuante a serviço da Pátria.
Rogai por nós que nos acovardamos ante as injustiças
Não permitais que voltemos aos dias sombrios da repressão
Sede junto de Deus o intercessor por dias melhores para o Brasil.

*ALFREDO BARBIERI (49/53), 89, também ex-aluno de Pirapora (46/48), é um imortal da Academia Taubateana de Letras, poeta, escritor e professor universitário aposentado. Mora em Taubaté-SP. (12)3621.3381 alfredo_barbieri@hotmail.com



ERRO DE ORTOGRAFIA

Quis escrever liberdade e saiu liverdade.
Estranhei o desvio involuntário da mão
e considerei o atrevimento da sutil ocorrência,
um acoplamento e uma sobreposição,
no corpo da liberdade, o aflorar da verdade,
rima e eco em conjunção e conúbio.
Mas como saber se não é só coincidência!

No mundo da mentira, só há desconfiança e aparência,
dissimulações, engodos, afirmações enganosas,
trambiques e maracutais de toda sorte e origem,
confusões semânticas e vis eufemismos,
muitas falcaturas e pouca ou nenhuma verdade.
Como querer a rima perfeita entre essas palavras
se sob a capa do veraz, camufla mordaz falsidade!

Tudo não passa de retórica no campo atroz dos sofismas.
Uso indevido de tal aforismo é crime de imoralidade.
Afirmção leviana e oportunista perde força e carisma.
A verdade liberta? Em boca rota e demente de falso messias
é mera banalidade ou deslavada balela, ofende e só tripudia.

VALDEVINO SOARES DE OLIVEIRA, 59/63





Na Casa do Pai

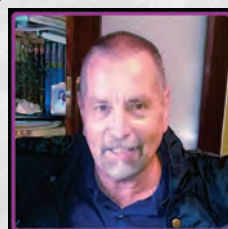


Com tanta vida pela frente, para nossa tristeza e de seus familiares, o amigo ibateano **JOSÉ CARMO GOMES GUIMARÃES**, 59/62, colhido pelo Covid 19, faleceu há alguns meses, no dia 2 de janeiro último. As fragilidades de nossa comunidade são expostas com a partida desse irmão. Na morada dos bem-aventurados, seu irmão de sangue - lembramos agora - aquele mesmo menino que em 26.05.1959 passou mal logo pela manhã e veio a falecer ali mesmo no recreio do Ibaté, durante um exultante jogo de espirobol: José Benedito Gomes Guimarães, de saudosa lembrança. Vários companheiros presenciaram a aterradora cena. José Carmo, que morava em Atibaia-SP, contava 76 anos de idade. Era economista e formado também em Psicologia. Registramos aqui nossas condolências a seus amigos e familiares.



Todos muito comovidos, informamos o falecimento de nosso amigo ibateano **MÍLTON ISABEL DA SILVA, Zabé**, 58/61, ocorrido em 27 de Julho, após longo período de doença e poucos dias após completar 80 anos - retirado de nós pelo Covid-19. É interessante saber que mesmo adoentado, com muita frequência ele se referia ao Seminário do Ibaté com muito carinho, como nos informou sua filha, Ade Isa. Zabé era da turma 58/61. Jogava um formidável futebol, ele e seu irmão, o João Bosco da Silva, de saudosa lembrança e que faleceu em 1994. Ele morava em São Paulo-SP. Aos familiares, as condolências de todos amigos do Ibaté. A triste notícia de seu falecimento estremeceu o coração de muitos amigos ibateanos que, consternados, enviaram suas várias mensagens: (a) **LUIZ DA CUNHA FERREIRA DE MIRANDA**, 58/59 - É com inorme pesar e profunda tristeza que recebo a notícia do falecimento do nosso Zabé. Há um mês, liguei-lhe e ficamos muito contentes por podermos nos comunicar depois de tantos anos. Fico

deveras chocado, pois queria-lhe muito bem por termos sido colegas de turma e também pela sua simplicidade! Hoje mesmo vou rezar o terço por sua alma e peço a todos os colegas que, por caridade, façam o mesmo! Quero apresentar também à esposa, filhos e demais familiares, sinceros sentimentos e a promessa de minhas orações por seu eterno descanso! - (b) **JOSÉ PAULO BRUNA** 59/63 - Tive a felicidade de conviver com o Zabé durante todos os anos de Seminário e muitos anos após Seminário. Bancário, nobre causídico, colega de festividades paroquiais, amigo de todas as horas. Mente brilhante. Por ano disputava o boletim Branco com o próprio irmão João Bosco. Tocava tuba na banda; órgão na Paróquia. Cantamos em casamentos de vários amigos. Essa foto tirei num encontro que tivemos em Pirituba há uns 5 anos. Juntos também participamos da Paixão de Cristo ao vivo na Vila Pirituba. Ensinou-me a nadar no Seminário. Foi um herói que venceu inúmeras batalhas. Um grande amigo e exemplo para mim. *Requiescat in pace*. (c) **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA** 55/59 - Esta partida de nosso Milton Isabel me entristeceu profundamente. Ele e seu irmão, João Bosco, nos deixaram mensagens permanentes. Ambos eram brilhantes estudiosos. Ambos se encheram de medalhas nos solenes dias de "Proclamação das Notas". Milton tinha alguma dificuldade de locomoção. O seminário cuidou de minorar esse sofrimento. Certo dia, nosso Padre Ruy Amaral se encarregou de levá-lo a um hospital em São Paulo - imagino que foi na pomposa Santa Casa. Os médicos examinaram e entenderam que, engessando-se uma ou as duas das pernas do Milton, parte da dificuldade se tonaria menor. Assim fizeram. Deixar o hospital, foi fácil. Um veículo levou ambos até a Estação da Sorocabana. Porém, chegados à estação sobrou o desafio. Milton não podia andar e o Padre Rui era também deficiente, herdeiro de paralisia infantil. O relato do Milton, carregado de risos, nos revelou a solução. Padre Rui encomendou o transporte naqueles carrinhos de carregadores de malas até o vagão de passageiros. Chegados em São Roque, coube ao Luizão - Luiz Conti - cumprir a tarefa restante. Não se contratou outro carregador. (d) **JESUS MESSIAS DO NASCIMENTO**, 59 - Convivi com o Colega Milton em 1959. Lembro-me bem: ele vivia com um dicionário de inglês. (e) **ANTÔNIO APARECIDO PEREIRA**, Con., 59/64 - Ô Zabé! Grande irmão. Um grande amigo. Quantos bons momentos vivemos no seminário. Deus o acolha com festa no céu! (f) **LETTERIO SANTORO**, 55/59 - Senhor Deus dos espíritos de toda a terra, leva o espírito de nosso irmão Milton Isabel para junto de Ti no Eterno Ibaté, para cantar loas a nosso Senhor Jesus Cristo e sua Mãe, junto com seu bom irmão João Bosco em cuja casa estive um dia. *Requiem aeternam dona eis, Domine. Et lux perpetua luceat eis*. (g) **JOSÉ LUIZ GARBUIO**, 61/64 - Tive a felicidade de conviver com o Zabé, que Deus o tenha!



LUIZ GONZAGA GALDINO (Pe. Zaga) faleceu em 25 de agosto. Havia passado por uma cirurgia muito delicada de seus intestinos para a retirada de um tumor. Apesar de se recuperar bem, constatou-se uma cicatrização deficitária, com imprescindível nova cirurgia... quando se fez necessário o intubamento, mas ele não resistiu. Era pároco da Paróquia de Santa Luzia, no setor Ponte Rasa-Vila Císper, amado por todas as gentes. Amigo querido de inúmeros ibateanos dos tempos do Seminário do Ipiranga. Estava para completar 71 anos de idade e já era sacerdote havia mais de 43. Rezemos por seu descanso. A Turma do Ibaté deseja consolo e conforto ao coração de todos seus familiares, amigos e paroquianos. Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno e brilhe para ele a vossa luz!



PAULO ROBERTO HOLANDA ANTERO nasceu em Manaus-Am em 1936. Era manauense ou manauara, como se diz, mas no Ibaté, era conhecido pelo simpático e curioso apelido de Cochabamba. Filho do prefeito de Boca do Acre-Am, terra da castanha e da borracha, onde morou por certo tempo e acabou por ser encaminhado a estudar na cidade boliviana de *Cochabamba*, que oferecia excelentes centros educacionais. Todavia, prosseguiu seus estudos no Ibaté em 1955 e 1956, cursando lá o 5o. e o 6o. ano. De sua classe, podemos citar algumas pessoas como Barelli, Quinzinho, Barison, Lui, Paccelli, João Peralta, José Luiz Brant e tantos outros. Ele era muito respeitado por todos os seminaristas; formavam-se círculos a seu redor apenas para ouvir o divino de suas palavras. Uma fila imensa de fãs e admiradores. Na memória de muita gente, até os dias de hoje, está arraigada a lembrança de sua excelente atuação como *leitor do refeitório*. Ele era excepcional! Sua *mise en scène* era perfeita. Os meninos, ou comiam rapidamente

ou paravam com tudo, apenas para ouvi-lo, ou melhor, contemplá-lo, fascinados pelo espetáculo. [vide Echus 141]. Infelizmente não deu certo para que prosseguisse nos estudos e se tornasse um sacerdote; sua vida o moveu por outras vias e para outras direções. Tornou-se um funcionário público federal, chegando à aposentadoria, e casou-se com a Sra. Maria José, constituindo uma grande e amorosa família: três filhos e cinco netos. Consumido pelo Covid 19, faleceu onde morava, Fortaleza-CE, aos 84 anos, em 18.04.2021, passando a fazer muita falta ao mundo. Aos familiares, aos amigos e às pessoas mais próximas, desejamos que essa dor se transforme em saudade e serenidade e os acompanhamos com nosso carinho e nossas orações.

PHOTANTIQUA



Acervo de Pe. Julián Sanches Hermida

UM PASSEIO A CAMPOS DE JORDÃO Novembro de 1973

Pe. Julián Sanches Hermida - Carlos Alberto de Oliveira (Pacote), 71/73 - Samuel Marques, 72/73 - Benedito de Jesus Batista Laurindo, 71/73 - José Ranulfo da Silva, 69/73 - Rogério Antonio da Silva, 71/73 - José Florêncio da Silva Filho, 71/72 - Adelmo Mendes dos Santos (Latinha), 70/73 - José Albino Neto, 1971 - Roberto Viviane Marcondes (Passarinho), 70/73

PHOTHODIERNA



SÁBADO EM ITAEMBU, TEMPLO DA FELICIDADE Chácara de Oksana & Rovirso Boldo - 14.11.2015

Em pé: Luiz Roberto Soares Filho - Daniel Boldo - Matheus Boldo - Wilson Cândido Cruz, 59/64 - José Eustáquio Rodrigues da Costa, 1959 - Gilberto Gomes, 62/66 - Wilson Mosca, 55/57 - Domingos Sávio Amstalden, 64/69 - Acácio Fecho (Zezo), 63/69 - Joaquim Benedicto de Oliveira, (Quinzinho) 50/56 - Luiz Roberto Soares (Araçá), 64/69 - Alfredo Barbieri, 49/53 - Rovirso Aparecido Boldo, 64/69 - Carlos Domingues Cosso, 54/57 - Eduardo Antônio Santiago (Manga), 71/73 - Rocco Antônio Evangelista, 59/63

Agachados - Paulo Maluf (Paulinho) - Ludmila Boldo - José Osmar Boldo - Antônio José de Almeida, 63/66 - Antônio Simões (Sherlock), 67/68 - Dimas Boldo - ??

CASO EDIFICANTE

E O BISPO?



José Lui *



Um padre de uma comunidade do interior do Amazonas, tendo terminado de construir sua Igreja, estava muito preocupado de como trazer o Bispo para fazer a inauguração e benzer o templo, pois a ponte que ligava a paróquia com a sede do bispado foi levada por uma forte enchente.

Em vista disso reuniu o conselho paroquial na tentativa de encontrar algum caminho para solucionar o problema.

Sem esperar, um caboclo levantou a voz e disse:

- Olha aqui Sr. Padre, se o senhor quiser vou buscar o bispo com o meu cavalo.

Na data marcada lá foi ele em direção ao rio para pegar o bispo, o qual já estava esperando por ele na outra margem do rio.

O caboclo, com a maior segurança, botou o bispo na garupa do cavalo e lá foi ele rio adentro.

Chegando no meio do rio, a água foi subindo chegando até no pescoço do cavalo.

O bispo nesta altura, morrendo de medo porque não sabia nadar, puxou o seu grande rosário e começou a rezar desesperadamente pedindo proteção a Deus e a todos os santos.

O caboclo vendo aquilo foi logo falando:

- Olha aqui seu bispo, o senhor me desculpe, mas se o senhor não parar de rezar o cavalo vai acabar se ajoelhando....

*JOSÉ LUI, 85, filósofo, teólogo e pé-de-vals, mora em S.Paulo-SP. roselui@picture.com.br

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 10.09.2021

POSICÃO EM 17.06.2021	8.350,40
ENTRADAS	
Contribuições e doações	4.120,00
Juros	45,58
TOTAL ENTRADAS	4.165,58
SAÍDAS	
Diagramação Echus 173	888,00
Impressão Echus 173	80,00
Despesas Correios	57,40
Despesas Bancárias	94,85
TOTAL SAÍDAS	1.120,25
SALDO ATUAL 10.09.2021	11.395,73
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

Agradecimentos



A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 18.06.2021 a 10.09.2021, dos seguintes colegas: Pe.Aurélio Vieira de Moraes-in *memorian*, Carlos Domingues Cosso, José de Mello Junqueira, José Ecio Pereira da Costa, José Fernandes da Silva, Paulo Francisco Toschi, Rocco Evangelista, Roberto Lui, Sergio Fioravanti, Vicente de Paulo Moraes e Vladimir Merlo Garcia. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

COLABORADORES DESTA NÚMERO: Alfredo Barbieri, Côn.Antonio Aparecido Pereira, Antonio Carlos Correa, Antonio Jurandyr Amadi, Attilio Brunacci, Francisco Ferreira de Almeida, Frei Beto, Joaquim Benedicto de Oliveira, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Dom José Maria Pinheiro e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO (237), Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antônio Carlos Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

Email: echusdoibate@gmail.com

Página no Facebook: IBATEANOS S ROQUE

Echus do Ibaté nas Nuvens: link: <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate/>

Diagramação:

Juliana Messias - julimessias@gmail.com